

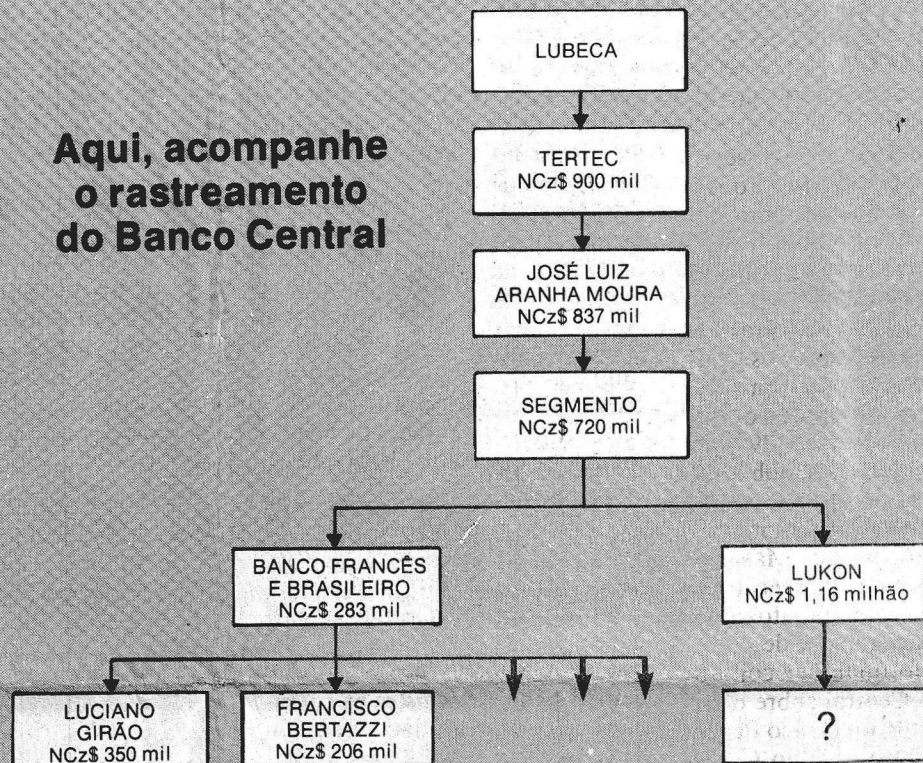
O roteiro de toda essa trama

A Lubeca S/A Empreendimentos e Administração pertence ao grupo Moinho Santista que, por sua vez, faz parte do conglomerado multinacional Bunge y Born, o maior da América Latina. No Brasil, A Bunge y Born controla 117 empresas, atuando em setores que vão do alimentício ao têxtil, passando pela informática e seguros. Desde 1975, a sede e o maior volume de negócios da multinacional de origem argentina estão no Brasil e o faturamento anual chega a US\$ 4,5 bilhões.

O projeto que a Lubeca desenvolve chama-se Panamby, na chácara Tangará, uma área de 482 mil metros quadrados na marginal do Pinheiros. Esse projeto prevê a construção de 35 edifícios residenciais, 12 comerciais, dois parques públicos, áreas de lazer, um hotel cinco estrelas (provavelmente do grupo Hyatt) e um completo centro gastronômico. Para ter aprovado um empreendimento desse porte em área verde nativa (Mata Atlântica), a Lubeca cedeu 138 mil metros quadrados da área para dois parques públicos, comprometendo-se ainda a construir no local uma creche-padrão de 600 metros quadrados. Com alguma polêmica o projeto foi aprovado pela administração municipal no dia 4 de setembro passado.

No dia 22 de outubro, em companhia de Ronaldo Caiado, líder da UDR, o chefe de Contas a Pagar da Lubeca, Paulo Celso

Aqui, acompanhe o rastreamento do Banco Central



Albanese Argento, denunciou à Polícia Federal a propina que teria sido paga a altos funcionários da prefeitura paulistana e, em seguida, repassada à campanha de Lula. Conforme a denúncia, a empresa-fantasma Tertec teria emitido uma nota fiscal “fria” no valor de NCz\$ 900 mil em troca de cheques de igual valor emitidos

pela Lubeca. De acordo com essa nota, a Tertec teria realizado vários serviços no local do projeto, entre os quais reparos na laje de cobertura, impermeabilização e execução de pisos cimentados. O JT denunciou que os serviços não tinham sido realizados e estavam sendo feitos às pressas por outra empreiteira.